O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

ANO 39.º — **N.º 1970**

Sábado, 7 de Dezembro de 1946

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

TRABALHOS DE HÈRCULES

O que se está fazendo já e o que terá de fazer-se dentro dos dez anos próximos para erguer a indústria nacional da sua *apagada e vil tristeza*, como diria o nosso grande épico, é um verdadeiro trabalho de Hércules. Mais fácil seria a tarefa se nada existisse e tudo fosse preciso fazer desde o princípio. Assim, não. Eliminar vícios já arreigados, porventura afectar interesses criados não são coisas tão simples como a tantos se afiguram. A verdade, porém, é que a reorganização industrial tem de fazer-se, deve fazer-se, tendo em vista o interesse superior da comunidade. Algumas centenas de milhar de contos saem todos os anos a barra para o caminho do estrangeiro para compra de máquinas, utensílios e artefactos que temos a possibilidade de produzir. Demais, como ocupar os novos braços que o constante aumento da nossa natalidade vai anualmente lançando no mercado da oferta? De 1920 a 1940 cresceu a população em milhão e meio de almas. Não é de supor que êste aumento se restrinja nos vinte anos que vão agora decorrendo, antes tudo indica que êle se avolume. Bem sabemos que com os trabalhos de fomento que se estão realizando nas províncias ultramarinas para lá se encaminhará uma parte do excesso populacional. Mas isso não basta. Da emigração para países estranhos também não há a esperar grande coisa. Em toda a parte os obstáculos postos ao emigrante são cada vez maiores. Os povos exigem a defesa da concorrência de trabalho estranho. Temos, pois, de criar novas fontes de actividade no território metropolitano.

A primeira condição para possuirmos uma indústria que tal nome mereça é facilitar-lhe força motriz abundante e barata. O plano de electrificação geral do país, ja em plena execução, corresponde a esta primeira necessidade. Depois vem o aperfeiçoamento das indústrias existentes, pela conjugaçao dos esforços dispersos onde quer que isso seja aconselhável; pela adopção de novos processos técnicos de fabrico; pela substituição do velho apetrechamento; pela preparação técnica de mestres operários; pelo alargamento e barateamento do crédito, já em grande parte estabelecido; enfim, pelo financeamento do Estado, dada a timidez dos capitais nacionais, especialmente quando se trata da criação de empresas novas.

Nada menos de 1.300.000 contos foi em quanto se calculou o dispêndio de capitais para a execução da primeira fase do plano industrial aprovado pela Lei n.º 2.005. Uma parte desta verba pertencerá ao Estado. Hoje, felizmente, fala-se assim, no investimento em obras úteis de fomento, de centenas de milhar de contos. Ha vinte e cinco anos só se podia falar de dívidas, de Bilhetes de Tesouro e outras formas de dívida flutuante. A penúria dos governos de partidos deixaram o país sem estradas. Se nem estradas havia, como pensar no melhoramento da indústria?

Agora falamos de outra maneira. Gizamos largos planos para o futuro e com a certeza de realizá-los, porque tudo fazemos depois de laboriosos estudos e porque possuímos as necessárias reservas.

Com a execução da primeira fase do plano industrial esperamos eliminar das nossas importações nada menos de 500.000 contos em média anual. Só isto, que o ódio político de alguns portugueses achará coisa pouca. Terão de passar anos e anos para que justiça completa seja feita aos salvadores da nação — Carmona e Salazar.

J. C.

Para a beneficência

Parece estar agora assente, em definitivo, a realização do Cortejo de Oferendas no dia 22 do corrente, devendo ser formado, segundo o programa, no Rossio e seguir pela Rua João Mendonça, Ponte, Largo Luís Cipriano, ruas Coimbra, Gustavo Pinto Basto, do Passeio e Avenida Artur Ravara, recolhendo, em seguida, no Hospital.

Segundo consta, devem vir assistir alguns membros do Govêrno, que nesse dia se deslocarão a Aveiro.

Estátua a Churchill

—o—

Notícia *Manchester Guardian* na sua edição de 18 do mês passado:

«Os presidentes das municipalidades de 14 cidades marítimas e interiores do condado de Kent, trataram no sábado do problema de levantar uma estátua gigantesca ao sr. Churchill, nas arribas de Dover, como memorial permanente à sua chefia do tempo de guerra. O sr. Marsh, de Margate, sugeriu que a estátua devia ter o complemento de um charuto aceso de contínuo e servindo de guia à navegação no Canal. Deve ser lançado um apêlo nacional uma vez que se decidir qual a forma que o memorial deve tomar».

Também é merecedor de que a Inglaterra nunca esqueça o que lhe deve.

Semana da Mãi

Realiza-se de 8 a 14 do corrente esta jornada de glorificação maternal, que tem por fim tornar mais efectivo o amor dos filhos para com aquela a quem devem a sua existência.

E' um preito de veneração que só dignificará por se tratar de um acto de ternura que deve andar sempre no espírito das crianças.

O carvão

As donas de casa vêem-se e desejam-se devido à falta deste combustível, indispensável nas cosinhas, pois o pouco que aparece à venda é disputadíssimo, formando-se *bichas* para se adquirir.

Já não basta a falta do azeite, do arroz, do açucar, da manteiga, da carne e tantos outros produtos indispensáveis à nossa alimentação, como agora, também, a escassês do carvão para completar o quadro.

Até quando, êste estado de coisas?

O TEMPO

Estamos a poucos dias do Inverno propriamente dito. Todavia já sentimos os seus rigores, pela amostra.

Aguardemos e preparemo-nos para o mais.

Fome na Austria

Comunicam de Viena que na cidade de Graz a falta de géneros alimentícios atingiu o auge, pois várias pessoas morreram já de fome e muitas outras encontram-se tão debilitadas que dentro em pouco seguirão idêntico caminho.

De outros pontos chegam também notícias aterradoras, pelo que em Viena se realizou uma grande manifestação popular que pediu às autoridades militares norte-americanas que instassem junto do govêrno de Washington para o rápido envio de géneros de modo a acudir à aflictiva situação dos austríacos.

Deve ser, realmente, uma coisa das mais tremendas — a morte com fome!

AINDA A MANTEIGA

Como dissemos no número anterior, Lacticínios de Aveiro, L.ª escreveu-nos outra carta, começando por nos chamar *inconscientes* pela forma como aqui temos tratado o problema do abastecimento da manteiga à cidade. Vamos então lá a ver em que consiste a nossa *inconsciência*.

A manteiga à cidade é distribuida equitativamente pelos comerciantes? E com a abundância que a emprêsa diz que distribue? Eis o caso. Eis a questão. Não teem sido outros os nossos reparos. Procura-se manteiga em Aveiro não há senão em certos dias e uma insignificância. Pois claro: se cada comerciante recebe 6 quilos por mês e alguns só 2, como podem eles ser pródigos para os seus fregueses?

Mas uma casa há que recebe mais e na frente da qual se vêem—ou foram vistas — *bichas* enormes, a ponto de se requesitar polícia para conter os que a ela eram obrigados a convergir em certos dias por não se encontrar noutra parte. Ora é contra isso que o *Democrata* tem protestado e protesta, bradando—abaixo os monopólios!

O resto que a carta contém é fogo de vista e não destroe as nossas asserções, antes nos dá razão.

Afirma agora a Emprêsa que forneceu o mês passado a 65 comerciantes e outras entidades desta cidade 1.200 quilos de manteiga, acrescentando que foi o mês de menor produção do ano, o que pode ser verificado na delegação da Intendência Geral dos Abastecimentos. Como havemos nós de acreditar numa coisa destas se as firmas Testa & Amadores, Albino Miranda L.ª, Alberto Rosa, L.ª, Bruno da Rocha & C.ª e Domingos Leite, Suc.res—que são das casas mais importantes da praça só recebem 6 quilos do produto, mensalmente? Mas dêmos de barato que todos os comerciantes recebessem essa quantidade de manteiga. Multiplicando 65 por 6 dá 390 quilos. E os restantes 810, onde foram vendidos? Quais as *outras entidades* que tiveram êsse privilégio?...

Eis-nos chegados ao fim em vista.

O que pretendemos é que se acabem com privilégios, com excepções, com monopólios. E que se evitem as *bichas*, os ajuntamentos e tudo o mais que possa ter influência na anormalidade em que se vive.

Ficaremos entendidos duma vez para sempre?

* * *

Depois de composto o que acima escrevemos veio a público na imprensa diária o seguinte que passamos a transcrever:

Tudo está previsto para que, na segunda quinzena do corrente mês, o mercado seja completamente abastecido de manteiga e toucinho da Argentina, cujo embarque já se fez. As quantidades encomendadas são de molde a satisfazer todas as exigências dos mercados, deixando portanto de se verificar a *corrida* que diáriamente se faz àqueles produtos. Os preços a estabelecer não são superiores às tabelas em vigor, tendo ainda aquelas aquisições o objectivo de não permitir, devido à fartura, o aumento de preços dos produtos nacionais ou sua sonegação.

Estamos para ver o que daqui resulta — de tanta fartura...

Além túmulo

Dr. Magalhães Lima

Ao passar mais um aniversário sôbre o falecimento desta veneranda figura da República invocamos a sua memória e recordamos as suas virtudes cívicas, os seus serviços desinteressados e o seu amor aos princípios de que foi um verdadeiro apóstolo.

José Casimiro da Silva

Volvidos desoito anos sôbre a morte do distinto professor que em Aveiro se impôs pelo seu irrepreensível porte, pelo seu impoluto carácter e pelas suas convicções republicanas, igualmente o recordamos, apontando-o às gerações que passam.

E' que os homens da sua tempera e com o seu aprumo já rareiam.

O INQUÉRITO PARLAMENTAR AOS ELEMENTOS DA ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

Pelo sr. dr. Mário de Figueiredo foi feita na Assembleia Nacional a seguinte declaração em 29 do mês passado:

«E' natural que a Câmara deseje conhecer a altura em que se encontram os trabalhos da comissão de inquérito aos elementos da organização corporativa, que foi, por unanimidade, incumbida de realizar. Ao encontro desse desejo vem a comissão pôr a Câmara ao par disso. Começarei por informar que a comissão se encontra na disposição firme de apresentar os resultados do inquérito dentro do período normal desta sessão legislativa, seja qual fôr o estado dos elementos colhidos; e ainda na de não considerar, nas sessões plenárias da Assembleia, quaisquer casos parrticulares antes de apresentar aqueles resultados gerais. E' grande o volume dos elementos colhidos, embora deva reconhecer-se que a massa dos críticos diminui quando se pretende que desçam do domínio das generalidades fáceis e irresponsáveis dos que não podem prescindir do comentário político para o das precisões concretas, que se poderia supor servirem de base àquelas eloquentes generalidades...

Em muitos casos falta mesmo a colaboração dos organismos, até dos mais altos — dos de coordenação económica — que ainda não responderam aos questionários que a comissão entendeu dirigir-lhes, ou responderam incompleta e insuficientemente, a-pesar-de se lhes não ter pedido mais do que uma imagem da sua situação administrativa e financeira ou o desenho, no tempo, da economia dos produtos ou actividades que dominam e as razões, querendo dá-las, desse desenho. Isto passa-se assim, não obstante insistências da comissão. E não se pode acreditar que seja por desconhecimento desses elementos, porque uns hão de resultar directamente da escrita dos organismos e outros mal se compreende que não sejam conhecidos dos dirigentes, pois devem considerar-se indispensáveis para, com conhecimento de causa e não por obra do acaso, intervirem na economia dos produtos ou actividades. Isto quer dizer que às dificuldades de elaboração dos elementos colhidos se juntou a falta ou insuficiência de elementos para elaborar, falta ou insuficiência imputáveis aos próprios organismos abrangidos pelo inquérito. Seja, porém, como fôr, a comissão apresentará nesta sessão legislativa os resultados a que lhe for possivel chegar. Nem um inquérito se compadece com outra orientação. E' preferivel apresentar, na oportunidade própria o que foi possivel obter do que esperar por outra acabada, a que nunca se chega sobretudo quando o objecto de trabalho é constituído por actividades que continuam. E é tudo o que, neste momento, a comissão entende dever trazer ao conhecimento da Câmara».

Vê-se por estas palavras que há interesse, empenho, de se chegar a uma conclusão que esclareça o país sôbre o que se passa ácêrca do assunto em causa. Nós estamos ansiosos. Oxalá o apuramento da verdade não se faça esperar.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Continuam as dificuldades

Da *Aurora do Lima*, de Viana do Castelo, transcrevemos:

«Quem anda emaranhado na lufa-lufa da Imprensa—da Pequena Imprensa, que se esvai por falta de recursos—é que pode avaliar os sacrifícios por que ela está passando.

A Pequena Imprensa parece caminhar para o fim do fim. A consolação que lhe resta é deixar após si bons serviços prestados à colectividade e a propaganda de salutares doutrinas, não se desinteressando da defesa dos interesses morais e materiais da região que sempre serviu com dedicado patriotismo.

A situação da Pequena Imprensa é tão crítica, que não causará estranheza se alguns dos seus órgãos, de um dia para o outro, deixarem de circular por falta de recursos.

Mas como a esperança é uma virtude que anima, continuaremos a viver esperançados de que melhores dias hão-de raiar».

O presado colega vianense é, como nós, de bom tempo porque também vive de esperanças... E de esperanças se vai passando a vida enquanto outros, das alturas onde subiram, já não nos enxergam...

O filme "Camões,,

A apreciação do sr. dr. Alfredo Pimenta sobre a nova produção cinematográfica portuguesa que lemos no semanário *A Nação*, tem o nosso inteiro aplauso.

«Além de tudo o mais, o filme *Camões* é uma detestável lição fornecida ao publico» — diz muito bem o articulista, a terminar.

Nem mais uma virgula acrescentamos.

O papel de jornal

A França acaba de pedir que as nações produtoras de pasta de papel façam uma mais equitativa distribuição desta entre os jornais de todo o mundo, de modo a evitar a crise por que estão passando,

Resta saber se estará só nisso a solução do problema.

APONTAMENTOS HISTÓRICOS

EPISÓDIOS SÔBRE UMA VIDA GLORIOSA

Conta um cronista:

José Estêvão Coelho de Magalhães, chegou até nós aureolado pela fama de um dos maiores oradores portugueses dos últimos cem anos. Era de Aveiro como sabem, filho de um médico muito distinto, o dr. Luís Cipriano Coelho de Magalhães. Foi educado pela avó materna, D. Ana Joaquina Ribeiro da Costa, mulher decidida, de grande cultura e de acção varonil. José Estêvão esteve na escaramuça da Cruz dos Moroiços, emigrou para a Galiza com os restos do exército liberal de Pizarro, e sofreu as agruras de Plymouth. Depois desembarcou na Madeira, bateu-se na Ladeira da Velha, na Flechu dos Mortos, na Serra do Pilar e em Almoster. Ostentava, no seu peito de herói, o Colar da Torre e Espada, e foi pela primeira vez deputado em 1837. Filiou-se nos *Setembristas*, revelou-se em 1844 contra a ditadura que então se implantou, e tornou a emigrar em 1845, regressando em 1846 para tomar activa parte na Convenção de Gramido. E voltou ao Parlamento, que era o seu campo de batalha predilecto. Aí dominava, fascinava, fulminava a Assembleia com o poder da sua oratória de uma eloquência nunca até então atingida com tanto brilho, segundo confessam os seus biógrafos.

Ora uma vez, o deputado Pinto Coelho, avô dos actuais Pintos Coelhos, que era um orador distinto e um jurisconsulto notável, atirou-se a José Estêvão como S. Tiago aos Mouros. A Câmara estava perplexa. José Estêvão ouviu, em silêncio, o ataque. Nem um áparte, nem uma interrupção. Quando Pinto Coelho se calou, José Estêvão pediu a palavra. A sua voz foi tomando calor, a sna autópsia ao discurso do deputado realista era acelerada e percuciente. Feria, retalhava, esmagava. A certa altura, Pinto Coelho levanta-se e dirige-se a José Estêvão:

—O ilustre deputado dá licença?...

José Estêvão estaca subitamente a sua análise furibunda, volta-se para Pinto Coelho, e com voz vibrante e gesto intimativo, diz-lhe:

—Não dou licença para nada. Sente-se e cale se!

Toda a Câmara estremeceu perante o conflito iminente. Então Pinto Coelho, por sob o frio glacial que sobrepesava todo o hemiciclo, baixou a cabeça e sentou-se silenciosamente.

* * *

Outro episódio. José Estêvão e Alves Martins, o grande Bispo de Viseu, não se falavam.

Eram os dois de rija tempera, e nenhum deles dava o seu braço a torcer. Partidos diferentes, pontos de vista antagónicos, bravura a medir-se com bravura. Surge a célebre questão da barca *Charles et George*. José Estêvão pronuncia no Parlamento o seu discurso de que ainda hoje se fala com entusiasmo. A Câmara

A estátua de Eça

Na manhã de quarta feira apareceu mais uma vez mutilado o monumento que no Largo do Barão de Quintela, em Lisboa, se ergue à memória de Eça de Queiroz. Assim, na sua cabeça, fôra enfiado um caixote que servira a garrafas de vinho e os dedos da figura, símbolo da *Verdade*, partiram-nos na sua maior parte os vandalos, que a polícia procura activamente para lhes ser aplicado o indispensável correctivo.

Este atentado contra a obra de arte em referência é dos que revoltam, indignam e pedem rigoroao castigo. Não deve ficar impune. Porque enxovalhou uma cidade e deu exuberantes provas da selvageria de quem o praticou.

O Democrata lavra o seu protesto contra a infamia, a falta de respeito e o agravo que o facto representa.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

A PRÓXIMA EXIBIÇÃO DE "A VIZINHA DO LADO,,

NO PALCO DO TEATRO AVEIRENSE

Causou a mais agradável impressão no meio citadino a notícia trazida a público nas colunas de *O Democrata* sôbre a próxima exibição, no palco do Teatro Aveirense, de *A Vizinha do Lado*—a inspiradíssima e muito graciosa peça do grande comediógrafo e humorista, já falecido, André Brun.

Agradável impressão, repetimos, principalmente entre os entusiastas e dedicados ao teatro—que ainda os há em Aveiro, em abundância—em se saber da existência nesta cidade de mais um conjunto cénico de amadores e de que o mesmo se abalançava, pela primeira vez no nosso país, a representar *A Vizinha do Lado*, comédia de difícil interpretação, sómente exibida, até hoje, por profissionais escolhidos.

Os aveirenses, na sua maior parte, recordam-se ainda dos seus antigos amadores de teatro, principalmente dos que mais se evidenciaram há cêrca de 20 anos—uns já mortos, outros ainda vivos—e que no palco da nossa casa de espectáculos, para não nos referirmos aos tablados de terras distantes, lhes proporcionaram noites, por vezes sucessivas, de elevado prazer espiritual, com a interpretação perfeita de peças de complicada estrutura, quer no género declamado, quer no musicado.

E porque então assim se deu entre os velhos amadores, os novos, os que agora surgem a dentro de um organismo como é a Acção Cultural das Fábricas Aleluia, vão procurar, com toda a sua boa vontade, manter a tradição creada por aqueles, ou melhor, revivê-la, em face do esquecimento a que foi votada, tradição que consiste em existir, entre os naturais de Aveiro, o maior interêsse pela Arte teatral a par de uma grande intuição para a cêna.

A Vizinha do Lado vai ser representada, nos seus complicados quatro actos, dentro de um ambiente absolutamente moderno, ou seja o referente à época actual—1946. Peça de ontem, de hoje, como o será de amanhã, tornar-se-ia desagradável à vista apresentá-la na época em que foi escrita e exibida pela primeira vez—1913—em que teria de figurar uma indumentária antiquada e, não só esta, como uma decoração de interiores cuja moda passou há muito e se tornaria chocante para o gosto de hoje.

Em magníficos cenários, propositadamente pintados pelo cenógrafo lisbonense Raul Duarte, movimentar-se-á um grupo de amadores habilidosos, constituido exclusivamente por pessoal das Fábricas Aleluia. *A Vizinha do Lado* terá, pois, a seguinte distribuição: *Eduardo*, Armando Arroja; *Plácido*, João Salgueiro; *Saraiva*, Carlos Júlio Duarte; *Jerónimo*, Manuel Augusto Moreira; *Um carteiro*, Sílvio Pinheiro; *Um distribuidor de romances*, João das Neves; *Um polícia*, José Porfírio da Silva; *Isabel*, Ivone Baptista; *D. Adelaide*, Aldina Bolhâ; *Mariana*, Maria da Luz Costa; *D. Gertrudes*, Maria José Lemos; *Laurentina*, Apresentação das Neves; *A criada de cima*, Angelina da Silva; *A criada de baixo*, Lourdes Cruz. *Ponto*, Manuel Rodrigues; *contra-regra*, Edmundo Trindade.

Não será portanto, excesso de confiança augurar um seguro êxito à próxima estreia da mais aplaudida das peças de André Brun.

rodeia-o. Ouve com fervoroso patriotismo essas palavras candentes da defesa nacional, esses rasgados vôos da Águia colossal. Defronte de José Estêvão postava-se Alves Martins. Diz um escritor contemporâneo: «As lágrimas corriam-lhe pelas faces, os lábios tremiam-lhe convulsamente, os olhos não se despegavam do inspirado tribuno, e quando êste terminou, no meio da ovação mais imponente que se tem visto no Parlamento, o sr. Alves Martins correu primeiro do que ninguém, e levantou José Estêvão no ar, apertando-o nos seus robustos braços».

O leitor está a ver a cena, não é verdade? O adversário intransigente, o *inimigo* de todos os dias, na Tribuna e na imprensa, que não poupava nunca nem era Poupado, esquecendo tudo, para num rasgo espontâneo de saudável entusiasmo patriótico, levantar em seus braços robustos o homem que naquele momento consubstanciava a dignidade da Pátria ultrajada.

E sabem o que aconteceu depois? Isto que nos conta o mesmo biógrafo: «No dia seguinte o sr. Alves Martins e José Estêvão continuaram a ficar mal um com o outro, e nunca mais se falaram».

MANIFESTO DO MILHO

—o—

Devido ao atrazo dos serviços agrícolas, foi determinado por um decreto do Govêrno que o limite do praso para o manifesto do milho seja excepcionalmente prorrogado até ao dia 20 do corrente.

Aviso aos seus possuidores.

Conserto de ruas

—o—

Principiou, como já dissemos, a ser devidamente pavimentada com cubos de granito a Rua Coimbra, devendo depois seguir-se a dos Combatentes da Grande Guerra e a de Eça de Queiroz, como foi determinado.

O conserto há muito que se impunha por ser de inteira necessidade, mas com o que nos não conformamos é com a morosidade como estão a decorrer esses trabalhos, devido, sem dúvida, ao reduzido numero de calceteiros. Daí os prejuizos que causa ao comércio dessas artérias e os aborrecimentos a que dá logar a quem nelas reside ou é obrigado a passar. Se em Aveiro parece que anda tudo a passo de boi velho...

«CIGARRO DO ASILADO»

—o—

Promovido pelo Instituto de Assistência aos Inválidos, com sede em Lisboa, iniciou-se uma campanha destinada a angariar tabaco ou fundos para a sua aquisição e que sirva para entreter alguns dos muitos velhinhos que esperam, resignados, o fim da vida.

Não interessa, nesta altura, considerar se o hábito de fumar é condenável ou não. Com um velho já não se pode discutir. Por isso, desde que fume, o cigarro será sempre um companheiro amigo e uma fonte de alegria e de relativo consolo.

Que assim o compreenda quem tiver devoção.

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fez ontem anos a menina Rosa da Apresentação Santos, filha do sr. Luís Lopes dos Santos; hoje, fá-los, o sr. Jeremias Moreira, comerciante local; amanhã, a sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, da Casa dos Ovos Moles; as gentis Maria Perpétua da Encarnação Dias e Maria Angela de Seabra Oliveira, filhas, respectivamente, dos srs. António Dias Pereira da Conceição, sócio da Mercantil Aveirense, L.ª e Virgílio de Sousa Oliveira, das Caves do Barrocão, de Sangalhos; o sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal, e o menino José Gil da Silva, filho do sr. Américo Carvalho da Silva; no dia 10, a interessante Maria do Carmo Vieira, filha do sr. José Vieira; em 11, o nosso amigo capitão Abel António Nogueira, chefe da 2.ª Repartição do Quartel General de Luanda (Africa Ocidental) e em 13, os srs. Telmo da Graça e Melo, funcionário dos C. T. T, e Albino Gonçalves de Oliveira, comerciante no Rio Grande do Sul (E. U. do Brasil).

Partidas e Chègadas

Partiu ontem para a capital onde vai frequentar o Instituto de Altos Estudos Militares de Caxias, o sr. tenente-coronel Manuel Martins dos Reis, 2.º comandante de Infantaria 10.

A despedirem-se compareceram na gare do caminho de ferro alguns dos seus melhores amigos.

—Em gozo de licença encontra-se em Aveiro, com sua família, o sr. capitão Luís Paula Santos, agora pertencendo ao Batalhão de Caçadores n.º 1 (Portalegre).

—Cumprimentámos nesta cidade os nossos amigos dr. António Vicente, médico em Bustos, e Raul Marques de Almeida, residente em Coimbra.

— Também aqui estiveram os srs. Duarte Bolhão, aspirante de Finanças em S. Pedro do Sul e Albano Simões de Oliveira, de Requeixo.

—Embarcou esta semana, com destino à América do Norte, o sr. Eugénio Neves, da Fogueira (Anadia). Feliz viagem.

Doentes

Não tem passado bem de saude, encontrando-se de cama, o sr. Manuel Rodrigues Acabado, chefe da Delegação da Alfândega desta cidade. Desejamos o seu restabelecimento.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Secção Desportiva

Futebol

No Estádio Mário Duarte efectuou-se no domingo um encontro entre os grupos *Beira-Mar* e *Salgueiros*, do Porto, vencendo o primeiro por 5-0.

Em Elvas o nosso representante, *Sanjoanense*, não marcou um único *goal*, tendo, no entanto, o adversário, S. L. Elvas conseguido 8, sendo 2 na primeira parte e 6 na segunda.

Amanhã jogará também o *Sanjoanense* com o *Vitória de Setúbal* no campo de Espinho.

A casa da Severa

—o—

Vai ser demolida pela Câmara de Lisboa, acabando, dêste modo, na Rua do Capelão, à Mouraria, tudo que se relaciona com os amores do 13.º conde de Vimioso e que uma placa assinala, como ainda recentemente tivemos ocasião de ver, no prédio onde morou e morreu há 100 anos—fê-lo no último sábado—essa figura do bairro que tanto se evidenciou e a tradição lembra por môr do fado...

A Severa! Vá lá que ainda escapar à ideia de ser consagrada, pelo menos, com um selo comemorativo...

Sopa dos Pobres

A comissão encarregada da sua distribuição nesta cidade tenciona melhorar as refeições dos dias de Natal e Ano Novo, assim como oferecer um bôdo aos mais necessitados, o que só será possível se os benfeitores a auxiliarem nesse objectivo. Por isso lhes dirigiu uma circular, à semelhança dos anos anteriores, que oxalá dê o fruto esperado.

Qualquer donativo deve ser entregue nos *Armazéns de Aveiro, L.ª*.

Declaração

Para os devidos efeitos se torna público que o sr. Laudelino Miranda Melo, deixou de ser procurador de seu irmão, Adélio Miranda Melo, ausente na cidade de Porto Alegre, Brasil, sendo, actualmente, seu procurador o signatário desta declaração.

Por esta forma se avisa aquele Sr. para prestar contas dos valores entregues à sua guarda, a fim de receber aquilo a que tiver direito e pagar o que fôr devedor.

Pampilhosa do Botão, 3 de Dezembro de 1946.

FIRMINO BRITO DA COSTA

NECROLOGIA

A Parca pôz termo no último sábado ao sofrimento de João Calisto, que deixou o mundo aos 41 anos e na orfandade 10 filhos, todos menores, por quem era extremoso.

Rapaz de rara habilidade para a escultura, a doença, porém, cêdo lhe cortou os vôos; mas porque tinha necessidade de trabalhar para não morrer de fome entregou-se à fotografia e foi ao serviço desta arte que morreu sêco, mirrado, esquelético, torturado—digamos tudo—num tugúrio onde nunca entrou o conorfto, nem a higiene, nem a alegria de viver.

Infeliz João Calisto!

Era digno de melhor sorte; porque artista, como era, e com êsse predicado muito poderia elevar-se e honrar a terra onde nascera.

Acabou o seu penar. Descança agora em paz e para sempre—única compensação da vida, que nem sequer lhe chegou a sorrir...

* * *

Em Coimbra sucumbiu também a semana passada, com 61 anos de idade, o sr. Basílio Tavares Lebre, natural da próxima freguesia de Aradas, para onde foi trasladado o seu cadáver.

O extinto deixou viuva a sr.ª D. Maria Genoveva Frias de Noronha Lebre e quatro filhos, todos estudantes universitários, era irmão das srs.as D. Regina Tavares de Almeida Lebre e D. Camila Lebre Canelas, casada com o sr. dr. Roberto Canelas, e dos nossos amigos dr. Abílio Justiça, major dr. António Lebre, Carlos e Duarte Tavares Lebre, e o seu funeral efectuou-se da igreja de Verdemilho, onde foi velado o cadáver, para o cemitério do Outeirinho tendo-se nele encorporado pessoas da intimidade da ilustre família, tendo conduzido a chave da urna o sr. major Lebre.

O Democrata renova as suas condolências, acompanhando a família Lebre em mais êste golpe que acaba de sofrer.

* * *

Em Figueiró dos Vinhos finou-se com 77 anos a sr.ª D. Dores da Costa Trancoso, viuva do falecido tesoureiro da Fazenda Pública sr. Abílio Trancoso, de saudosa memória.

Natural de Oliveira de Azemeis, era mãe do nosso amigo Egas Trancoso, viajante duma importante casa comercial de Lisboa, e cunhada da sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães, aqui residente.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

* * *

Em Ovar também acabou os seus dias o sr. Domingos Simões, casado com a sr.ª D. Adozinda Simões Cardoso e pai do nosso amigo dr. Vitorino Simões Cardoso, capitão-médico de Infantaria 10.

Contava 75 anos e o seu fundral efectuou-se para o cemitério da vila com grande acompanhamento.

A seu filho e restante família, o nosso cartão de pêsames.

* * *

Em Mira igualmente faleceu na quinta-feira, tendo ontem recebido sepultura no cemitério da vila, o farmacêutico Artur Vieira de Carvalho, de 69 anos, solteiro, que viveu muito tempo em Lisboa antes de fixar residência na terra da sua naturalidade. Era irmão da sr.ª D. Benedita Vieira de Carvalho e dos nossos presados amigos padre Diamantino Vieira de Carvalho e dr. Manuel Vieira de Carvalho, que fez clínica em Setúbal e actualmente vive nesta cidade.

Artur Carvalho destacou-se como distinto profissional unicamente aos trabalhos que teve a seu cargo num laboratório, honrando sempre as tradições de família pelo seu carácter, pelas suas qualidades e pelo seu aprumo moral. Lamentamos sinceramente o triste desenlace devido à amisade que nos ligava desde estudantes e aqui deixamos exaradas as nossas condolências aos restantes irmãos, compartilhando do desgosto que acaba de os enlutar.

* * *

Falecreram mais; nesta cidade, Ismael dos Santos Girão, viuvo, de 57 anos, conhecido pelo *Mofa;* Clara Costa, solteira, de 49, e Maria La-Salette Simões Pinto, de 57, casada com José Pinto; em *S. Tiago,* Maria José Reis, viúva, de 101, natural das Talhadas; em *Verdemilho,* Manuel Francisco Neto, casado, de 79, e Maria Sarrico da Rocha, de 38, casada com António de Almeida Vidal Neto, e em *S. Bernardo,* Natália de Carvalho, de 19, filha de José dos Santos.

Correspondências

Costa do Valado, 5

Morreu no fim da semana passada, com 85 anos, a viuva de Manuel Marques Abade e mãi do nosso amigo Américo Abade, cujo funeral se realizou no domingo de tarde para o cemitério da Oliveirinha, encorporando-se nele várias irmandades da freguesia.

Enquanto poude desenvolveu grande actividade na vida de lavoura, tendo, porém, sido obrigada ao descanço quando as forças começaram a faltar-lhe.

Pêsames aos seus.

— A estação do caminho de ferro de Quintans, que também serve esta localidade e outras circunvizinhas, vai ter luz electrica, como há muito exigia o seu movimento de passageiros e mercadorias. Congratulamo-nos com êsse facto, que reputavamos de absoluta necessidade e era indispensável, porque muito vem auxiliar o serviço do pessoal, principalmente nas noites cmopridas que começamos a atravessar.

—Também por aqui se tem feito sentir os efeitos do *mercado negro*, principalmente no que diz respeito ao azeite, que só eparece nas mãos de quem o vende por alto preço.

Ainda o que vale é estamos na época das matanças, mas não consta que o bacalhau ou a sardinha se possam temperar com outras gorduras, como, por exemplo, o unto.

Continuamos a esperar por dias melhores.

C.

Comarca de Aveiro

ÉDITOS DE 20 DIAS

1.ª Publicação

Por êste Juizo, 2.ª secção, segundo Tribunal, e nos autos de execução sumária de letra que Alfredo de Freitas, casado, industrial, de Aveiro, move contra Duarte Simões da Cunha, solteiro, maior, empregado comercial, também de Aveiro, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio, citando os credores desconhecidos do executado, para no praso de dez dias, findo o dos éditos, virem à referida execução deduzir os seus direitos nos têrmos do Art.º 864 do Código do Processo Civil.

Aveiro, 20 de Novembro de 1946.

O Chefe da Secção

João António Morais Sarmento

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Vitor Gorjão

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	10,57 (tram.)
12,56 (rápido)	12,35 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,54 (mixto)
20,39 (tram.)	

Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,54	10,34
15,25	19,09
17,38	23